

Robert Wilson  
◊  
NUNCA ME ENCONTRARÃO

Romance

Tradução de  
Maria do Carmo Romão



D. QUIXOTE



∞  
Capítulo 1

*15h30, sábado, 17 de março de 2012, casa de Mercy Danquah, Streatham, Londres*

Adeus quarto.

Prisão de merda. Só faltam as grades das janelas. Fecharam-me várias vezes aqui nos últimos anos.

Olhou em redor das quatro paredes pela última vez. Fora uma operação e tanto retirar toda a sua tralha e deitá-la fora. Todos os dias, depois da escola, em vez de ir direita para casa da avó, Esme, em Hampstead, passava uma hora a apagar a sua presença da casa da mãe em Streatham.

Ao passar uma última revista ao quarto, empurrou a porta meio aberta do guarda-vestidos para se ver no espelho interior de corpo inteiro. Casaco acolchoado com o fecho corrido, saia vermelha, *collants* pretos, de lã, botins pretos. Prendeu com ambas as mãos a massa imensa de caracóis escuros com nuances louras, para ver como ficaria se os cortasse. Os seus olhos verde-claros sobressaíam na suavidade de um rosto largo, cor de caramelo. Felina. Não se importava. Baixou as mãos e o cabelo espalhou-se-lhe pelas costas. Encolheu os ombros, deu um pontapé na porta do guarda-vestidos para a fechar. Abriu o fecho do casaco, retirou de dentro dele uma carta endereçada a Mercy e Charles e atirou-a para cima da cama.

Pôs a mochila ao ombro, agarrou nos dois últimos sacos de lixo, desceu a escada e pô-los à porta.

Foi ver a mãe, a detetive inspetora Mercy Danquah, como gostava de lhe chamar, por saber que a aborrecia e magoava.

– Vou sair um bocado – disse. – Vemo-nos depois no restaurante... Como se chama?

– Patogh – disse Mercy, erguendo os olhos da revista do *Guardian*. – Fica em Crawford Place. Já lá estiveste connosco. O melhor é ir a pé pela Edgware Road a partir de Marble Arch.

– Pelo Little Beirut – disse ela fechando a porta. – 'Té logo.

Pegou nos sacos do lixo e saiu da sua antiga vida, empurrando a porta da rua com o pé para que batesse com força e fizesse estremeecer a tampa da caixa do correio.

Apanhou o autocarro para Streatham High Road, deixou os sacos do lixo no contentor para recolha de roupa e dirigiu-se à esquadra da polícia que estava vazia. O futebol ainda não terminara e a grande noite oficial de bebedeira do público britânico ainda não começara. Dirigiu-se ao obeso sargento de plantão, de cabelo grisalho e olhos cansados – um homem de família, que não estava com a família, mas gostaria de estar.

– Posso ajudá-la? – perguntou ele a sorrir com as mãos apertadas sobre o balcão.

– Chamo-me Amy Boxer e vou sair de casa – disse ela, sem sequer se aperceber da graça que aquilo poderia ter.

– Muito bem – disse o sargento. – E quantos anos tem...?

– Faço dezoito em novembro – disse ela, batendo com a carta de condução no balcão.

– Tem para onde ir? – perguntou ele, levando-a agora a sério e verificando a fotografia e as datas.

– Não vou andar aí pelas ruas, se é o que quer saber. Tenho dinheiro, um cartão multibanco e um sítio onde ficar.

– Estou a ver que sabe o que faz – disse ele, devolvendo-lhe a carta. – Problemas em casa?

– Pode dizer que sim – respondeu ela como se aquilo fosse um enorme exagero.

Depois arrependeu-se. Não quisera interessá-lo demasiado, mas agora apercebia-se de todo o tipo de desgraças familiares que tomavam forma no espírito do sargento.

– Preciso de me afastar da minha mãe, mais nada – disse. – Não nos damos bem.

– Envergonha-a e é ridícula e chata? – perguntou o sargento.

– Não é um mau resumo de um dos seus dias bons. Mas é mais para o chato.

– E o seu pai? – perguntou, pensando que teria mais sorte.

– Não está. Separaram-se há muito tempo.

– Porque não vai ficar a casa dele?

Não estava a correr bem. O sargento confundia-a. Via-o já assumir instintos paternais. Um chazinho? Senta-te. A seguir levava-a a casa. E pronto.

– Posso confiar em si? – perguntou, sabendo que o tinha fisgado.

– Claro que sim. Não estou aqui para outra coisa.

– A minha mãe vai telefonar assim que descobrir que saí de casa. E quando ela ligar, quero que o senhor abra essa cara e a leia. Mas antes não. Certo? Ela chama-se Mercy Danquah. Vai reconhecê-la.

– Como reconhecê-la? Que história é essa?

Ela não respondeu, mas poisou a carta sobre o balcão e saiu da esquadra.

Apanhou o autocarro para Brixton, retirou o cartão SIM do telemóvel, dobrou-o e amachucou-o. Deitou o telefone para a sarjeta e apanhou o metro para Green Park e depois para Heathrow. Às 16h45 subia no elevador para fazer o *check in* no Terminal 1. Dirigiu-se ao átrio, confirmou que o voo BA522 para Madrid não estava atrasado e dirigiu-se aos sanitários das senhoras da Zona B.

O táxi deixou Mercy à porta de casa, em Streatham, às 10h30 da noite. Mercy estava levemente embriagada. Ela e Charlie tinham celebrado a conclusão de um caso de rapto emborcando as duas

garrafas de vinho tinto que haviam levado para o restaurante iraniano de grelhados que não vendia bebidas alcoólicas.

No momento em que pendurou o casaco, detetou o silêncio especial que havia em casa. Por fim, a vibração do ambiente era neutra e não latejava com o refluxo hostil emanado do letal caldo de hormonas adolescentes que fervia dentro da filha.

Deixou cair a mala com renovado desespero. Esta miúda... Abanou a cabeça. Provavelmente estaria ainda com os amigos, depois de os ter deixado a secar no restaurante, recusando-se a atender as chamadas e a responder às mensagens. Subiu as escadas furiosa, batendo com os pés, e abriu de rompante a porta do quarto, acendeu a luz e encontrou no quarto o eco do vazio, mais vazio que o habitual. Mercy franziu a testa. Nada nas paredes. O tapete aspirado. E, o que é isto?

Um envelope branco na cama nua. Os dois nomes. Pegou-lhe e, mesmo através dos vapores do álcool, sentiu o coração apertado ao lembrar-se da última vez que ela lhe chamara «mamã». Tinham passado quatro anos. Abriu-o, enrugou o nariz e leu as letras precisas e redondas da caligrafia da filha.

*Queridos Mercy e Charles*

*Estou farta desta vida. Chateia-me ser filha, vossa filha. Não tenho expectativas. A escola é uma seca. Põe-me literalmente doente. Vomito todas as manhãs quando lá chego. E para quê? Trabalhar. Fazer exames. Ir para a universidade. Copiar merdas da Internet durante três anos. Fazer um curso da treta em vitrinismo. Sair de lá com 60 libras a menos. Cair no abismo do desemprego. Que se lixe! Já me decidi. Quero viver a vida à minha vontade, o que significa que, por vocês serem como são, vou sair de casa. Não vou ficar em perigo, pelo menos não mais do que todas as outras pessoas. Não vou viver nas ruas. Sou organizada. Tenho dinheiro. Digo-vos isto porque não quero que me procurem. Não preciso de ser encontrada. Quero que me deixem em paz, coisa que souberam fazer bastante bem enquanto eu era*

*pequena, mas não tanto quanto deviam. Por isso não ponham os vossos chapéus de detetives nem percam tempo a investigar, porque não vai ser bom para mim e, além disso, NUNCA ME ENCONTRARÃO.*

*Amy*

Mercy voltou a ler a carta, foi para baixo e sentou-se no fundo das escadas, olhando para a porta da rua, tentando evitar as lágrimas. Perdera tudo numa só noite. Charles tinha a cabeça cheia da sua nova namorada, aquele exemplo brilhante que se chamava Isabel Marks. Como fora ridícula com ele nessa noite à mesa, tocando-lhe na mão, dizendo-lhe que ainda ali estava se as coisas com Isabel não corressem bem. Na esperança de que as coisas com Isabel *não* corressem bem. Rezando para que fosse um produto da intensidade emocional causada pelo rapto da filha de Isabel que os juntara e agora, que o assunto estava resolvido, já não tivessem necessidade um do outro. Mas, quando apanharam dois táxis diferentes depois do jantar, Mercy percebeu que aquela seria provavelmente a última vez que comeriam juntos, pelo menos nos próximos tempos.

E agora isto. A sua única filha abandonava-a. Sem discussões. Sem pedir a opinião aos pais. O estilo *fait accompli* tão próprio de Amy. Precisou de enorme força de vontade para puxar a mala para si, revolvê-la em busca do telemóvel com lágrimas enormes pingando sobre o cabedal. Carregou na tecla «Charlie» e abraçou-se ao pilar do corrimão, esperando que ele atendesse.

– Mercy?

– V... voltei para casa... depois do jantar. Havia uma carta em cima da cama da Amy. Uma carta para nós. Não consigo ler-ta agora. Diz que se foi embora, Charlie. Saiu de casa. A última frase diz: «Nunca me encontrarão.»

Ouviu o telefone dele bater numa mesa. A voz de uma mulher. Ela. A tal. Charlie repetiu o número. Silêncio. Depois outra vez a voz de Charlie.

– Vou ter contigo logo que possa – disse ele. – Fala para a esquadra mais próxima para a dares como desaparecida. Já vou a caminho.

– Ela diz que não quer ser encontrada.

– Telefona para a esquadra. Diz-lhes. É o procedimento. Não queres ser uma mãe que não participou o desaparecimento de um filho.

– Certo. Claro, tens toda a razão. Nem estou a pensar como deve ser. Não acredito que isto tenha acontecido, e há anos que se tem vindo a preparar.

– Telefona – disse ele. – Estou aí em meia hora. Telefona-me outra vez se precisares.

Mercy desligou, sem conseguir evitar que aquelas palavras tornassem ainda maior a falta que sentia dele. De cada vez que tentava pô-lo fora da sua vida, colocando todos os sentimentos por ele numa espécie de pergelissolo dentro de si, ele regressava para a derreter em feminilidade.

Estava linda. Recompôs-se. Encontrou o número da esquadra da zona. Ligou.

– Daqui fala Mercy Danquah e quero... isto é, tenho de... preciso de...

– Deseja participar o desaparecimento da sua filha? – perguntou o sargento. – Amy Boxer?

Mercy ficou espantada. Sem palavras.

– Esteve aqui hoje a explicar o que ia fazer – disse o sargento.

– E porque não a *impediu*? – perguntou Mercy, incrédula.

– Em primeiro lugar não é menor...

– E como sabe disso?

– Mostrou a carta de condução.

– A *carta de condução*? Ela não tem carta de condução.

– Verifiquei. Tem.

– Não sei como pode ter...

– Ela disse que eu a reconheceria e tudo – disse o sargento. – Mas não conheço nenhuma Mercy Danquah.

– O que ela quis dizer foi – disse Mercy, resmungando com uma graça muito negativa – que costuma chamar-me «a bófia».

– Significará que representa a figura com mais autoridade na vida dela – disse o sargento. – Disse-me que a senhora estava separada do seu marido.

– Significa que pertence à polícia – disse Mercy. – Sou inspetora do Diretório de Crime Especial 7. A Unidade de Raptos. E acredita que eu transporto toda a autoridade que aprendi no meu emprego para a nossa relação mãe/filha.

– Estou a ver – disse o sargento, sentindo-se consideravelmente ultrapassado em posto e departamento. – Muito bem. A sua filha estava calma e racional e disse que não ia ficar na rua. Tem dinheiro e cartão bancário. Entregou-me uma carta com instruções para abrir apenas quando a senhora telefonasse. Saiu daqui às quinze e quarenta e sete. Preenchi o relatório umas horas antes de os bêbedos começarem a entrar.

– Quinze e quarenta e sete?

– Registei...

– Esta *tarde*? – perguntou Mercy. – Mas a essa hora eu estava em casa. *Foi-se* embora quando eu ainda estava em *casa*? Disse-me adeus, 'té logo, o costume...

– Devo dizer-lhe que me pareceu uma pessoa muito controlada – disse o sargento. – Muito composta.

– Que diz a carta?

– Não sei. Ainda não a abri. Pediu-me que o fizesse só depois de a senhora telefonar.

– Mas que raio se passa aqui?

– Creio que a saída de casa da sua filha foi uma partida bem planeada e executada – prosseguiu o sargento. – Disse que as duas não se davam bem.

– Isso é pôr as coisas em termos muito suaves.

– Também disse isso.

– Sabe, sargento, começo a notar uma certa dose de inércia através do telefone – observou Mercy. – Vai fazer alguma coisa em relação ao desaparecimento da minha filha?

– Tecnicamente...

- Diga-me só se vai ou não vai.
- Vou ver se temos muito que fazer; vou arranjar uma pessoa que leia a carta e lhe telefone – disse o sargento. – O pai está informado?
- Vem a caminho.

Estava no quarto do hotel a arranjar-se. Adorava os quartos de hotel, especialmente aqueles como os do Moderno, com uma casa de banho enorme, com chuveiro forte e bidé, espelho de corpo inteiro no quarto e serviço de quartos de que não precisava. De qualquer forma, encomendou um hambúrguer com batatas fritas, porque estava... livre.

Dançava em roupa interior, com fones nos ouvidos, ouvindo o ritmo efervescente da música bater-lhe diretamente no córtex cerebral. Emborcava uma vodca tónica do minibar e snifara um pouco de cocaína que trouxera de Londres. Precisaria de mais para sobreviver naquela noite, depois de ter estoirado quatrocentas libras em roupa no aeroporto. Porém sabia onde ir buscá-la.

Arrancou os fones, bebeu o resto da vodca que tinha no copo e sacudiu o minivestido vermelho, que comprara na French Connection, antes de o vestir. Era como se não fosse nada. Deu meia volta e apreciou a elegância da peça. Olhou por cima do ombro para verificar no espelho como ficava o traseiro e executou umas quantas rotações das ancas. Depois os sapatos. Não. Primeiro o casquinho. Está frio lá fora. Meteu o casaco acolchoado, os *collants* pretos de lã e os botins pretos na mochila, retirou o passaporte e colocou-o num bolso na axila do casaco com cem euros e vários preservativos. Pôs ao ombro uma pequena bolsa preta. Quisera deixá-la no cofre do hotel, mas precisava de um cartão de crédito para o efeito e não o tinha.

Depois os sapatos. Saltos de quinze centímetros, decotados, com uma tira à volta do tornozelo. Calçou-os e pareceu-lhe que o ar ficara subitamente mais fino. Praticou uns movimentos de dança, tão segura como uma ginasta na trave.

Era aquilo que adorava em Espanha. Sair do elevador no átrio com toda a zona da receção a observá-la, a apreciar o seu esforço. Nada de sinistro. Nada de furtivo. Nada como em Londres, onde ninguém te olha nos olhos, mas espreita o teu rabo e as tuas mamas pelo canto do olho. Podes entrar num bar em Hoxton parecendo o próprio sexo de saltos altos e ninguém fala contigo. Mas os rapazes espanhóis não te deixam ali nem um segundo. Entras num bar e vê-se logo que gostam do teu estilo, querem pagar-te uma bebida e falar contigo. Mas não querem levar-te para a cama. Bom, querem, mas não é o mais importante. O mais importante é: obrigado por seres tão bela, por nos fazeres felizes. Era por isso que adorava os espanhóis.

Era quase meia-noite. Desceu a rua sorrindo aos fulanos que a admiravam, mesmo aqueles que vinham com gajas. Tinham-lhe dado uma morada que escrevera na mão porque não conseguia recordar os nomes espanhóis e muito menos repeti-los a um motorista de táxi. Um marroquino tinha-lhe dado o nome de um «mano» que conhecia um traficante de pessoas e que pagaria mil euros por um passaporte válido do Reino Unido com um *chip* eletrónico.

Os táxis amontoavam-se na *plaza* quando se colocou na pequena fila para apanhar um. Foi então que viu um fulano de trinta e tal anos a olhá-la de cima a baixo com notória admiração. A primeira coisa em que reparou: era mais alta do que ele com aqueles saltos. Ele trazia um casaco de cabedal preto, uma camisa de seda azul-escuro aberta no peito, peludo, mas de uma maneira agradável, um fio de ouro, calças de ganga justas, cinto preto com uma fivela de metal com dois escorpiões cujas caudas se entrelaçavam. Batia no passeio brilhante com as botas pontiagudas, de biqueira prateada. Não era um espanto, mas não estava mal. Reparou que a seda da camisa lhe cobria os músculos salientes do peito, com os mamilos espetados do frio e ainda a fileira de abdominais. Os músculos do pescoço eram como colunas de ambos os lados de uma saliente maçã de Adão. Tinha o cabelo escuro e encaracolado, um sorriso sardónico, mas sensual, dentes brancos e olhos escuros e fundos cuja cor não conseguia discernir. Irradiava confiança. Bastou olhá-lo

para perceber que estava ali quem nunca teria dificuldade em falar com mulheres.

– *Hola, que guapa, chica. No te puedes imaginar...* – disse e logo se calou. – Não falas espanhol? E inglês?

– Inglês, sim – disse ela.

– *Mira, guapa*, vou com uns amigos beber uns copos – disse falando com sotaque latino-americano. – Vi-te a vir para cá e disse: está ali uma miúda que sabe vestir-se, uma miúda que sabe divertir-se e aposto que é uma miúda que sabe dançar. Certo?

E executou uns movimentos de dança de discoteca que mostraram que também ele sabia dançar e que, apesar da sua pesada musculatura, era capaz de movimentos rápidos e suaves. Os dois amigos, um de braço dado com uma beleza latina, esboçaram um aplauso irónico.

– *Eles não sabem dançar* – disse em tom conspiratório. – É por isso que estão a bater palmas. Parecem vacas a patinar no gelo.

Começou a executar uns passos à homem das cavernas, que de repente ficaram incrivelmente tortos e a fizeram soltar uma gargalhada. Ele aproximou-se ficando-lhe à altura do queixo. Olhou para cima, penetrando-a com os olhos. Que descaramento o dele. Era um gajo feio, também ela precisou de toda a sua fleuma inglesa para o suportar e ele percebeu que teria de fazer outra tentativa.

– Sabes de onde sou? – perguntou.

Ela queria responder «dos filmes» mas pensou que aquilo seria atirar-se a ele. Porém, percebeu que ele não era dali.

– De Madrid? – perguntou irónica.

Ele aproximou-se.

– *Col-om-bia*.

Viu o rosto dela iluminar-se e percebeu o que significava.

– *Te gusta un poco de nieve* – disse ele a rir. – Gostas de um pouco de neve.

Bateu com o punho no bolso do peito. Acenou com a cabeça e sorriu.

– Tenho o suficiente para fazermos esquí.

Para ela foi o suficiente. Não precisava de vender o passaporte. Não precisava de regatear nas casas de banho. Coca de graça durante toda a noite. Ele estendeu o braço. Ela aceitou-o. Os amigos nem podiam acreditar. Ele aproximou-se e eles meteram-lhe na mão notas de cem euros, o que a ela pareceu muito dinheiro por uma aposta.

Foram ao Le Cock beber *mojitos*, snifaram umas linhas cada e passaram para uma discoteca chamada Charada, onde House Music era o que estava a dar. Dançaram durante meia hora, depois foram para as casas de banho snifar mas uma linha. Ele beijou-a. Ela retribuiu-lhe o beijo. Ele pôs-lhe uma mão forte entre as pernas e sentiu o calor que havia entre elas. A música fazia vibrar as paredes.

– Como te chamas? – perguntou ela.

– *Como te llamas?* – corrigiu ele. – Pergunta-me: «*Como te llamas?*»

Ela experimentou e ele esfregou-lhe o sexo.

– *Me llamo Carlos* – disse. – Mas ninguém me chama assim.

– Então como te chamam? – perguntou ela, o seu estômago combatendo a persistência da mão dele por baixo do vestido vermelho.

– Chamam-me El Osito – disse com os olhos sombrios e semi-cerrados.

– E o que é um *osito*? – perguntou ela.

– É um urso pequeno – disse ele. E retirando a mão enorme de entre as pernas dela, ergueu-a à luz fraca. – *Con una pata grande.*

